

4. José Saramago



Um mundo e um estilo novos

Há uma espécie de escritores que, como uma ave de rapina, circundam sempre o mesmo território. Livro após livro, buscam um retrato coerente do mundo. José Saramago pertence à categoria oposta, à dos escritores que repetidamente parecem querer inventar um mundo e um estilo novos. [...] A ambição de Saramago não é a de retratar um universo coerente. Pelo contrário, ele parece, de cada vez, tentar criar um novo modelo de apreensão de uma realidade evasiva, consciente de que cada modelo é uma aproximação crua que pode admitir outros valores aproximados – na verdade, um que os reclame a todos. Ele explicitamente condena tudo aquilo que proclame ser “a única verdade”. Pois é apenas “outra versão entre muitas outras”. Não existe a verdade primordial. As suas imagens do mundo, aparentemente contraditórias, têm que ser pos-
tas lado a lado, acautelando as suas próprias alternativas de uma existência que é, fundamentalmente, versátil e impossível de abarcar.

Em cada uma destas versões, as regras do senso comum estão, de alguma forma, suspensas. Isto não é invulgar na ficção recente. Mas aqui lidamos com algo de diferente da narrativa em que tudo pode acontecer – e acontece constantemente. Saramago adotou uma exigente disciplina artística que permite que as leis da natureza ou do senso comum sejam violadas num só aspeto decisivo, seguindo as consequências da sua irracionalidade com toda a racionalidade lógica e observação exata de que é capaz. [...]

Esta obra rica, com as suas perspetivas constantemente mutáveis e renovadas imagens do mundo, recebe a sua unidade de um narrador cuja voz está sempre connosco. Aparentemente, ele é um contador de histórias da velha espécie omnisciente, um mestre de cerimónias que fica no palco junto das suas criações, comentando-as, guiando os seus passos e, por vezes, piscando-nos os olhos sob os holofotes. Mas Saramago usa estas técnicas tradicionais com divertida distância. [...] O resultado é uma literatura caracterizada, simultaneamente, por uma sagaz reflexão e por uma visão interior dos limites da sagacidade, pelo fantástico e pelo realismo preciso, pela empatia cautelosa e pela acuidade crítica, pelo ardor e pela ironia. Esta é a amálgama única de Saramago.

ESPMÁK, Kjell, 1998. “Justificativo do Nobel” (texto proferido no momento da entrega do Prémio Nobel a José Saramago). *Jornal de Letras, Artes e Ideias*, n.º 736, 16 de dezembro de 1998

Tópicos de exploração do texto

Pág. 235
do manual

Introdução ao estudo da obra de José Saramago

- Explicação da comparação que abre o texto.
- Justificação da afirmação “A ambição de Saramago não é a de retratar um universo coerente.” (l. 4).
- Apresentação dos traços peculiares do narrador na ficção do escritor.
- Interpretação da última afirmação do texto, com indicação dos processos que configuram a “amálgama única de Saramago”.

